

5. A Nova Ordem de Hitler, 1938-45

MAZOWER. Mark. *Continente sombrio: a Europa no século XX.* São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

Tenho a impressão de que a Alemanha possui certos planos [...] referentes a uma nova ordem europeia [...] nos moldes da economia planificada que conhece e que certamente encerra vantagens importantes, em comparação com a falta de planejamento que faz parte do egoísmo liberal e vem reinando até o momento. Cabe-nos colaborar, calmamente e de boa vontade, com a adaptação que mencionei.

Thorvald Stauning, primeiro-ministro dinamarquês,
8 de março de 1941¹

No verão tornou-se cada vez mais claro para nós que, aqui no Leste, concepções espiritualmente insuperáveis estão lutando entre si: o conceito alemão de honra e raça e uma tradição militar de muitos séculos contra um modo asiático de pensar e instintos primitivos alimentados por um punhado de intelectuais, quase todos judeus [...]. Mais que nunca estamos imbuídos da idéia de uma nova era, na qual a força da superioridade racial e das realizações do povo alemão lhe confia a liderança na Europa. Reconhecemos claramente nossa missão de salvar a cultura europeia da barbárie asiática que avança. Agora sabemos que temos de lutar contra um adversário furioso e

inflexível. Essa luta só pode terminar com a destruição de um ou de outro; qualquer acordo está fora de cogitação.

General Hermann Hoth, 17º Exército,

25 de novembro de 1941²

Na primavera de 1942, um jovem diplomata italiano chamado Luciulli voltou para sua pátria depois de servir por um ano e meio em Berlim. Sua primeira tarefa, em Roma, consistiu em anotar suas idéias sobre a maneira como a aliada da Itália enfrentava os maiores problemas decorrentes da guerra. Assim, elaborou uma crítica sagaz das bases da Nova Ordem nazista na Europa; quando tomou conhecimento desse texto, Mussolini declarou que “fazia muito tempo que não lia algo tão significativo e de tão amplas conseqüências”. Luciulli escreveu:

Defender até a morte a grande extensão conquistada até agora, explorá-la, organizar a vida econômica e política da Europa de modo que seu poder de resistência aumente e sua capacidade ofensiva se desenvolva — tudo isso constituiria um objetivo claro e preciso, um programa capaz de conquistar adeptos e o consenso, não fosse o fato de que é exatamente nessa missão política que a Alemanha se mostra aquém de sua tarefa. A inequívoca decisão alemã de organizar a Europa hierarquicamente, como uma pirâmide, com a Alemanha no vértice, é do conhecimento geral. Mas isso não basta para captar a atitude do regime alemão diante dos problemas da reconstrução européia. Em nenhum país, mesmo naqueles que até ontem mantinham uma postura nitidamente antialemã, faltaram personalidades e correntes políticas dispostas a admitir que a ordem internacional que emergiu da Revolução Francesa e culminou em Versalhes fora suplantada de uma vez por todas e que os Estados-nação teriam de dar lugar a entidades políticas muito maiores [...] Assim, o conceito de uma organização hierárquica da Europa não era inaceitável. Contudo, o que choca quem entra em contato com os alemães é sua concepção puramente mecânica e materialista da ordem européia. Para eles, organizar a Europa significa decidir a produção desse ou daquele minério e o número de trabalhadores que cabe utilizar. Não compreendem que nenhuma ordem econômica pode prevalecer se não se basear numa ordem política e que para fazer o operário belga ou boêmio trabalhar não basta prometer-lhe determinado salário, mas deve-se inculcar-lhe também a consciência de servir a uma comunidade da qual é parte íntima, com a qual sente afinidade e na qual se reconhece.³

Como Luciulli observou, ao encerrar-se a década de 1930 muitos europeus estavam dispostos a abandonar a ordem liberal, democrática, criada a partir de 1918 pela Inglaterra, pela França e pelos Estados Unidos, para abraçar um futuro mais autoritário. Não contavam com a realidade brutal do imperialismo nazista, a reintrodução da escravidão na Europa e a negação de todas as aspirações nacionais, exceto as alemãs.

O governo nazista nunca foi mais caótico que durante a guerra: os sátrapas de Hitler disputavam sua atenção e uma hoste de aliados e colaboradores semeava intrigas. No entanto, por meio de toda a confusão, da incerteza, dos inumeráveis planos para o futuro que emanavam dos institutos de pesquisa nazistas, podemos traçar as linhas gerais da Nova Ordem entre 1938 e 1945. Nenhuma experiência foi mais crucial para o desenvolvimento da Europa no século xx. Como Hitler e Stalin bem sabiam, a Segunda Guerra Mundial envolveu algo muito mais profundo que uma série de confrontos militares e negociações diplomáticas; foi uma luta pelo futuro social e político do continente. E a submissão a um regime de uma violência inédita e ininterrupta constituiu tamanho choque que no intervalo de oito anos as atitudes políticas e sociais dos europeus passaram por uma extraordinária transformação e eles redescobriram as virtudes da democracia.

Os aliados não conquistaram os europeus: Hitler é que os perdeu. Muitos observadores repetiram a mesma análise do fracasso dos alemães feita por Luciulli. Uma arguta jornalista americana informou que, quando chegou à Romênia, no verão de 1940, sentira "que Hitler podia não só ganhar a guerra, como podia ganhar a paz e, nesse caso, organizar a Europa". Ao deixar o país, "numa gélida manhã de final de janeiro de 1941, estava convencida de que em nenhuma circunstância Hitler poderia ganhar a paz ou organizar a Europa". Começemos nossa análise da Nova Ordem com o que poderíamos chamar de a oportunidade perdida do Führer.⁴

A OPORTUNIDADE PERDIDA DE HITLER

Ao encerrar-se a década de 1930, a opinião pública europeia não se opunha de modo algum à idéia de uma reconstrução autoritária do continente sob a liderança dos alemães. A base potencial de uma Nova Ordem que rejeitou a herança de Versalhes ia muito além dos radicais pró-nazistas ou fascistas. A desconfiança do

poderio alemão mesclava-se com a admiração pela recuperação econômica da Alemanha; o apego às noções inglesas de liberdade misturava-se à suspeita dos “plutocratas” londrinos, que, com sua defesa do padrão-ouro e do *laissez-faire*, condenaram boa parte do continente à depressão e não conseguiram encontrar solução para a crise. // “Esses povos europeus tornaram-se indiferentes à democracia, que em termos intelectuais lhes foi apresentada como liberdade de pensamento e liberdade de expressão, mas que em termos de sua experiência cotidiana significou sobretudo liberdade de morrer de fome”, observou a condessa Waldeck. “Constatarei que não mais de 10% dos europeus prezavam a liberdade individual ou estavam dispostos a lutar para preservá-la.” //

// Na Bélgica, no verão de 1940, a opinião pública recebeu com “patente alívio” a notícia da vitória alemã, e durante algum tempo uma autêntica “fúria antiparlamentar” tomou conta de Bruxelas. Os belgas mostraram-se favoráveis aos alemães, felizes com o fim da guerra e esperançosos de que seu país recuperasse a prosperidade num continente unificado sob um sistema político local reformado e menos divisório. // Hendrik de Man, presidente do Partido dos Trabalhadores e conselheiro do rei Leopoldo, declarou o famoso manifesto de 28 de junho que a era democrática terminara. “Esse colapso de um mundo decrépito, longe de ser um desastre, é uma libertação”, afirmou. Sua visão de um governo autoritário chefiado pelo rei parecia — no verão de 1940 — um resultado mais “realista” do conflito que qualquer revivescência previsível da democracia. Para políticos e diplomatas que fazem do realismo um fetiche, o verão de 1940 constituiu uma advertência.

// Na Holanda também a repulsa ao partidarismo está por trás do ataque de Hendrik Colijn aos “males da democracia”; ex-primeiro-ministro e líder do conservador Partido Anti-Revolucionário, Colijn imaginou — como De Man — um regime autoritário leal à monarquia e disposto a colaborar com os alemães. // O social-democrata Thorvald Stauning, primeiro-ministro dinamarquês desde 1924, aconselhou a colaboração no interesse do futuro bem-estar econômico da Europa, e em Copenhague um governo de coalizão nacional cooperou tranqüilamente com Berlim. ¶

Em *Estranha derrota*, o historiador Marc Bloch procura as causas da humilhação da França — além dos erros cometidos pelo alto comando do exército — nas falhas de um sistema parlamentar governado por velhos, corroído por um funcionalismo cínico, destruído pela polarização que se seguiu à Frente Popular. Nessa época poucos conseguiram, como Bloch, deixar o abismo do “desespero burguês”, buscar uma forma de democracia renovada, adaptar-se “às exigências de uma nova

era”/Muitos acreditavam que a solução para a “decadência” da França estava numa reconciliação com a Alemanha nazista. Aceitar o inevitável é sábio, escreveu André Gide. “Estamos presenciando o nascimento, mais que a morte, de um mundo”, afirmou Teilhard de Chardin. As matrículas no curso de alemão da Berlitz em Paris saltaram de 939 em 1939 para 7920 dois anos depois; no curso de inglês os números despencaram.//

A queda da França repercutiu em todo o continente. “Mais uma notícia ruim hoje à tarde”, um médico polonês registrou em 14 de junho de 1940. “Paris caiu em poder dos alemães.” Dois dias depois ele anotou: “As notícias da França são terríveis. As pessoas estão emocionalmente arrasadas. Algumas perderam por completo a esperança. O que vai acontecer agora?”. Em Bucareste, Waldeck percebeu uma reação mais positiva, conquanto cautelosa. “Com a queda da França atingem o auge vinte anos de promessas vãs da democracia: acabar com o desemprego, com a inflação, a deflação, a agitação dos trabalhadores, o partidarismo, e sei lá mais o quê”, escreveu ela. “Cansada de si mesma, duvidando dos princípios que a nortearam, a Europa sentiu-se quase que aliviada com a solução de tudo [...] Hitler era um sujeito esperto — desagradável, mas esperto. Ele conseguiu fortalecer seu país. Por que não experimentar seus métodos? Era assim que os europeus se sentiam naquele verão de 1940.”*

Essas atitudes favoráveis aos alemães logo desapareceriam. Na França e na Bélgica, por exemplo, os ânimos mudaram totalmente no espaço de dois ou três meses, deixando os colaboracionistas cada vez mais isolados. Em 1941 os alemães dissolveram o Sindicato Holandês, declarando-o “indigno de confiança”. Tal mudança deveu-se, em parte, à indignação provocada pelo comportamento dos soldados nazistas e das forças de ocupação, e, em parte, às alterações no panorama internacional. Após a batalha da Inglaterra ficou mais claro que a guerra duraria mais do que se pensara. E, como veremos, as dúvidas relativas a possíveis modificações de fronteiras e anexações também destruíram a fé na Nova Ordem de Hitler.

VIVENDO NUMA ÉPOCA HISTÓRICA

Na Alemanha o clima era de euforia. A Nova Ordem prevalecera contra os “protetores de uma era agonizante”. Mais que nunca, os alemães sentiam-se vivendo numa época “histórica”. Depois da marcha para Praga, Hitler afirmou que “ao

longo de seus mil anos, o Reich demonstrou [...] que lhe cabe restabelecer a ordem na Europa central”. Às vésperas da campanha ocidental anunciou que “a luta que ora se inicia decidirá o destino da nação alemã nos próximos mil anos”. Goebbels saudou uma “época sem precedentes”, na qual o “gênio histórico” do Führer estava ajudando a construir uma “nova Europa”. Enquanto a Wehrmacht avançava para o leste, rumo a Moscou, Hitler sonhava com “as belezas da Criméia, que tornaremos acessível por meio de uma auto-estrada — para nós, alemães, será nossa Riviera. Creta é quente demais e seca. Chipre seria ótimo, mas podemos viajar por terra até a Criméia — passando por Kiev! E existe a Croácia, também, um paraíso turístico para nós. Espero que depois da guerra haja muita celebração [...] Que progresso na direção da Nova Europa!”⁹

Conversando com Ciano em outubro de 1941 — talvez o momento de maior empolgação —, Ribbentrop, o ministro das Relações Exteriores alemão, predisse que a Nova Ordem de Hitler na Europa “garantirá a paz por mil anos”. O cínico italiano não se conteve: “Comentei que mil anos é muito tempo”, registrou em seu diário. “Não é fácil fundamentar algumas gerações nos feitos de um só homem, ainda que de um gênio. Ribbentrop acabou fazendo uma concessão: ‘Que seja um século’, falou.”¹⁰ Contudo, se o ex-negociante de champanhe não conseguia resistir a uma barganha, o Führer não tinha esse tipo de dúvida. “Quando o nacional-socialismo tiver reinado por bastante tempo”, declarou certa vez, após o jantar, “não será mais concebível uma forma de vida diferente da nossa.”¹¹

✶ // Ninguém em Berlim duvidava que uma oportunidade histórica se apresentara ao Terceiro Reich. Restava descobrir a melhor maneira de aproveitá-la. O que os soldados conquistaram, os políticos deviam agora governar. Entretanto, a extensão dos territórios controlados pelos alemães no final de 1941 era assombrosamente vasta — ia do oceano Ártico à orla do deserto do Saara, do Atlântico e dos Pireneus à Ucrânia. Com uma rápida sucessão de ofensivas, a *Blitzkrieg* proporcionara a Hitler um império muito maior do que ele pretendia conquistar.

A partir de *Mein Kampf* estava claro que o futuro império alemão devia localizar-se no leste, cobrindo aproximadamente o território que a Alemanha controlara em 1918, depois do Tratado de Brest-Litovsk. “Estamos acabando com a perpétua marcha dos alemães rumo ao sul e ao oeste da Europa”, Hitler escreveu em *Mein Kampf*, “e voltando os olhos para as terras do leste.” Com a colonização alemã, a Ucrânia se converteria em “um dos mais belos jardins do mundo”; segundo

um folheto da ss, tratava-se de um país “mal explorado, com solo fértil de terra negra, que poderia ser um paraíso, uma Califórnia européia”.¹²//

A Polônia constituiria uma ligação com o leste e uma fonte de mão-de-obra — um *Arbeitsreich* para o *Herrenvolk*, como disse Hitler pouco depois da invasão.¹³ O desmembramento do país e o tratamento brutal dispensado a sua população depois de setembro de 1939 mostraram o tipo de método que seria usado para alcançar tal objetivo. E quanto à Escandinávia, aos Países Baixos, aos Bálcãs, até mesmo à França? Esses lugares não se destacavam tanto nos planos de Hitler. Tudo indicava que no final de 1939 ele relutava em assumir mais compromissos militares. Por que se dar ao trabalho de invadir países que podia intimidar para obter sua aliança e sua aquiescência? As pressões diplomáticas proporcionaram à Alemanha o controle de recursos vitais na Romênia, na Hungria e na Suécia. Ao iniciar-se o ano de 1940, Hitler resistiu à idéia de invadir a Noruega até o momento em que se convenceu de que os planos dos ingleses representavam uma ameaça para os carregamentos de minério da Escandinávia para a Alemanha.¹⁴ A França tinha de ser excluída da guerra, naturalmente, mas seu papel na Nova Ordem não estava claro. A Grécia provavelmente ficaria neutra, não fosse a desastrosa invasão italiana, que levou os ingleses para lá e obrigou os alemães a reagir. A invasão da Iugoslávia teve de ser planejada às pressas, quando Berlim recebeu a notícia de que um golpe militar derrubara o governo pró-Eixo.//

A política alemã em relação a muitos dos países derrotados foi, a princípio, deliberadamente provisória: só quando a guerra terminasse se definiria seu destino. Em maio de 1940, às vésperas do ataque contra a França, Goebbels decidiu que a imprensa não publicaria uma palavra sobre os objetivos bélicos, que, no decorrer do conflito, seriam formulados simplesmente como “uma paz justa e duradoura e um *Lebensraum* para o povo alemão”. Tal política refletia os desejos dos líderes nazistas. Hitler declarou que não havia por que explicitar os objetivos bélicos: “Dentro de nossas possibilidades nos é dado fazer o que queremos e de qualquer modo não podemos fazer o que ultrapassa nossas forças”.¹⁵

No verão de 1940 a Wehrmacht e o Ministério das Relações Exteriores viam com bons olhos o desejo francês de concluir um tratado de paz com o Terceiro Reich, porém a desaprovação de Hitler impediu as negociações. Os generais alemães baseados na Holanda pensavam que o país derrotado manteria sua independência e se surpreenderam quando Hitler resolveu atribuir-lhe um governo civil. Entretanto, a afinidade racial dos holandeses e os sonhos de anexação no sentido

de reconstituir o Sacro Império Romano seduziam o partido e a ss e certamente não contrariavam Hitler.¹⁶

Alarmados com a anexação de partes da Polônia e da Tchecoslováquia pelos alemães, os estadistas da Europa ocidental procuraram assegurar o respeito à integridade de seus países e a restauração de sua soberania. E óbvio que não acreditavam nas numerosas declarações da Alemanha nesse sentido, já que não havia tratados de paz confiáveis com Berlim. O iludido rei Leopoldo da Bélgica teve um encontro decepcionante com Hitler. Vidkun Quisling levantou a questão ao menos três vezes, sem nenhum resultado; na última vez Hitler disse-lhe que não queria mais falar sobre o assunto. Funcionários do Ministério das Relações Exteriores e oficiais da Wehrmacht, que tentaram pleitear concessões de autonomia — à França, por exemplo, e, depois de 1941, à Estônia — não tiveram maior sucesso.¹⁷

Com a questão dos acordos de paz relegada a um futuro indefinido, o Terceiro Reich implantou na Europa uma série de regimes de ocupação mais ou menos provisórios. Num extremo desmembrou alguns países e suprimiu por completo sua identidade nacional. Foi o que aconteceu com a Polônia, a Iugoslávia e a Tchecoslováquia, cujos nomes seriam riscados do mapa. “No futuro não nos referiremos mais ao ‘Governo Geral dos Territórios Poloneses Ocupados’, e sim ao ‘Governo Geral’, sem dar maior atenção a isso”, Goebbels proclamou no verão de 1940; “assim, da mesma forma que está pouco a pouco acontecendo no Protetorado [da Boêmia-Morávia], que hoje se chama apenas Protetorado, a situação se esclarecerá automaticamente. Cabe à população desses territórios facilitar nosso trabalho.” Luxemburgo também foi praticamente anexado ao Reich e eliminou-se toda referência ao “Grão-ducado” ou ao “país” de Luxemburgo. O status jurídico desses países era vago, porém não seu futuro.¹⁸

O procedimento usual dos alemães consistia em designar comandantes militares ou civis, que governavam por intermédio do funcionalismo local. Nessa guerra dentro de uma guerra, que foi o caos burocrático do Terceiro Reich, os territórios ocupados transformaram-se em feudos, sujeitos a diversos ministérios e administrados com diferentes graus de sucesso. O governo dinamarquês foi o que melhor conseguiu preservar a ordem pública, talvez por ser o menos afetado pela ocupação. O rei e o Parlamento continuaram atuando e a princípio desfrutaram — ao menos teoricamente — considerável soberania: por conseguinte, menos de cem alemães controlavam o país inteiro; na França, na Grécia, no Protetorado da Boêmia-Morávia, na Sérvia e na Noruega governantes fantoches interpunham um

vêu de respeitabilidade entre os conquistadores e o serviço público. Na Holanda um comissário do Reich, civil, governava por intermédio dos secretários-gerais da administração pública, enquanto na Bélgica os secretários-gerais se reportavam às autoridades militares. Nominalmente independentes, os governos da Croácia e da Eslováquia eram, de fato, subordinados aos alemães; parceiros do Eixo, como a Finlândia, a Romênia, a Bulgária e a Hungria, tinham um pouco mais de autonomia.

O exemplo dos ingleses na Índia seduzia a imaginação de Hitler. Seu modelo de governo imperial, tal como o concebia, parecia-lhe admirável. Após a invasão da União Soviética, intrigava-o o fato de os ingleses governarem o subcontinente com um punhado de homens; para ele a Ucrânia era o “novo Império Indiano”; o front oriental se converteria na fronteira noroeste da Alemanha, onde gerações de oficiais se distinguiam e preservariam as virtudes marciais da raça ariana. Mas o Führer não compreendia bem as técnicas imperiais de governo utilizadas pelos ingleses; condenava a frouxidão de suas atitudes raciais e sua disposição de permitir alguma autonomia política local.¹⁹

O paralelo com a Índia veio à tona numa das raras ocasiões em que se mencionaram os objetivos bélicos dos nazistas. Isso aconteceu num discurso que, provavelmente seguindo instruções de Hitler, o comentarista de rádio Hans Fritzsche pronunciou em outubro de 1941, quando parecia certa a derrota da Rússia. Depois de dizer à imprensa estrangeira que a guerra estava decidida, Fritzsche revelou os planos políticos de seu país: a Europa se tornaria economicamente auto-suficiente sob a liderança da Alemanha. Os alemães teriam de entender a “idéia imperial européia” e preparar-se para realizar no leste operações militares, contínuas e pequenas, análogas às dos ingleses quando enfrentavam problemas na Índia. “Quanto às nações dominadas por nós”, explicou, “usaremos com elas uma linguagem muito mais franca e fria. Naturalmente não permitiremos que nenhum Estadinho vagabundo perturbe a paz européia com pedidos ou exigências especiais — nesse caso lhe lembraremos com energia o que lhe compete fazer na Europa.”²⁰

//Uma visão tão dura refletia as críticas dos nazistas ao direito internacional liberal. Carl Schmitt, por exemplo, afirmou que agora os territórios conquistados formavam o *Grossraum* da Alemanha. Assim como a doutrina Monroe devia justificar a não-intervenção de outras potências no hemisfério ocidental, escreveu, também a Alemanha conquistara o direito de governar a Europa. Sobretudo o direito de governar segundo novas normas: o velho sistema de direito internacio-

nal, com suas pretensões universais e sua fundamentação nas relações de Estados soberanos, cederia lugar a uma jurisprudência autenticamente nacional-socialista de “lei do povo”. Nem todos os povos conseguiam suportar o peso de um Estado constitucional moderno. Abandonando a noção liberal — como estava sacramentada na Liga das Nações — de que todos os Estados eram soberanos e juridicamente iguais, Schmitt declarou que o mundo moderno requeria um “alto grau de organização” e “disciplina voluntária”. Os dominadores nazistas da Holanda e o Governo Geral indicaram publicamente que a era da “independência absoluta” chegara ao fim.²¹

A neutralidade não era mais aceitável. Como explicou um comentarista:

Existe algum Estado pequeno suficientemente independente para ser neutro em relação às grandes potências? A crise da neutralidade é, de fato, a crise da estrutura de nosso continente, do colapso das antigas ordens e dos velhos impérios e do nascimento de novas dinastias. Os pequenos Estados tornaram-se presa de um curso inexorável da história, e a única questão é se vão ceder sem esperança ou cheios de esperança.²²

Luciulli estava certo, portanto, ao observar que o regime tinha uma concepção de política basicamente hierárquica. A Europa devia dominar o mundo, mas apenas sob a condição de ser dominada pelo Reich. Hitler considerava inadmissível transmitir poder aos racialmente inferiores; isso denotaria fraqueza, não força. Cumpria salvaguardar zelosamente a superioridade alemã, em todas as esferas, com resultados às vezes absurdos. Depois que a equipe tcheca de hóquei no gelo derrotou os alemães por cinco a um, em Praga, Goebbels aludiu à “prática equivocada de bater-se com povos coloniais num campo em que somos inferiores. Herr Gutterer deve cuidar [...] para que a repetição de tais incidentes se torne impossível”. Até os italianos, supostamente sócios dos alemães na criação da Nova Ordem, receberam o mesmo tratamento; normas relativas ao trato com trabalhadores estrangeiros alertavam: “Relações com italianos não são bem-vistas”.²³

No nível político tais atitudes se repetiam, em detrimento dos eventuais colaboradores da Alemanha. Como Luciulli observou, dado o descontentamento dos europeus com a ordem de Versalhes, em 1939, havia poucos motivos para supor que a colaboração como projeto político não teria êxito. Hoje é difícil lembrar que o próprio conceito tinha algo de positivo para os que o criaram na França. Laval e Pétain

a buscar amigos e aliados com maior empenho, era tarde demais. A reviravolta na jurisprudência nazista, que inspirou declarações de “antiimperialismo”, não convenceu ninguém, até porque não teve nenhum efeito visível sobre a política. Na Europa oriental, onde o avanço do Exército Vermelho fazia do comunismo uma forma de guerra política potencialmente frutífera, o racismo nazista imunizara a população contra a propaganda de Goebbels. Na Europa ocidental, fora de qualquer esfera plausível de influência soviética, o anticomunismo pouco tinha a oferecer. Só na Grécia e, em menor grau, na Sérvia e no norte da Itália, foi possível conturbar os ânimos a ponto de desencadear uma guerra civil. A medida que se retiravam, as forças alemãs deixavam um legado sangrento de massacres fratricidas. Em 1944 a sombra da Guerra Fria já se projetava sobre a Europa, mas não tinha poder bastante para salvar o império de Hitler.

A ORGANIZAÇÃO DA EUROPA

A organização econômica
// Se havia um europeísmo nazista, este inseria-se no plano econômico, e não no político. À idéia de uma doutrina Monroe alemã associava-se a noção de uma *Grossraumwirtschaft* — uma economia regional centralizada na Alemanha —, que, sob certos aspectos, guardava alguma semelhança com o Mercado Comum do pós-guerra. A Nova Ordem, amada pelos jovens tecnocratas do Ministério da Economia alemão, envolvia a integração econômica da Europa ocidental e a criação de uma zona franca: o ministro Walther Funk chegou a propor isso no verão de 1940. Goering, que tinha muito mais prestígio na cúpula nazista, também apontou a necessidade de investimentos multinacionais na Europa sob os auspícios da Alemanha. Outros se voltaram para os Bálcãs, onde a penetração econômica dos alemães se intensificara nos anos 1930. Acordos comerciais firmados com a Romênia e a Hungria em 1939 e 1940 colocaram sob o controle do Terceiro Reich matérias-primas fundamentais.

No final de 1940, Hermann Neubacher — que mais tarde governaria os Bálcãs — revelou a um jornalista americano o brilhante futuro que aguardava a Europa depois da guerra: “A organização econômica dos Bálcãs constitui a primeira etapa de um plano para converter todo o continente europeu num só *Grossraum*, que, sem países individuais, formará a unidade econômica do futuro. Um plano comum regulamentará a produção no *Grossraum* europeu”.²⁷ Os Estados Unidos e a Grã-

Bretanha ficariam fora desse bloco continental; a Europa se tornaria auto-suficiente. O padrão-ouro e o *laissez-faire* da ordem pós-Versalhes cederiam lugar à troca de mercadorias e ao planejamento da produção em escala continental, numa extensão da política comercial alemã da década de 1930.

Antes e depois de 1939 se discutiu a "organização" da Europa numa vasta economia muito mais abertamente que o futuro político do continente. Todavia, particularmente durante os três primeiros anos da guerra, projetos tão grandiosos tiveram na prática pouco impacto sobre a política. //A estratégia da *Blitzkrieg* requeria métodos diferentes de explorar os recursos econômicos dos territórios conquistados; só com a "guerra total" a idéia de alguma forma de integração econômica pareceu atraente no contexto do próprio esforço de guerra.//

As reflexões nazistas sobre economia internacional não tinham, porém, nenhuma analogia com a doutrina liberal dos benefícios mútuos oferecidos pelo mercado. O regime garantia, às vezes, que os parceiros da Alemanha lucrariam com tal associação: afinal, foi o que aconteceu, em certa medida, na década de 1930 e não era totalmente implausível, sobretudo depois das agruras relacionadas ao capitalismo internacional nos anos 1920. Entretanto, estava cada vez mais claro que a primeira função econômica da Europa era sustentar a Alemanha. Só se cumprisse essa função da melhor forma, assegurando a prosperidade do resto do continente, poderia haver uma partilha mais ampla dos benefícios econômicos. Países como a Grécia e a Romênia logo desconfiaram que tinham trocado a tirania de Londres pelo torniquete de Berlim.

Essa visão estreita da economia européia foi particularmente pronunciada durante a guerra. Para o desespero de homens como Goering e, depois, Speer, aos quais cabia aumentar a produção de armamentos, Hitler relutava em aceitar a queda do padrão de vida no Reich. Queria a todo custo evitar que se repetisse o desastre de 1918, quando, acreditava, o colapso do setor civil acarretara a derrota militar. O regime manteve o consumo de alimentos o mais próximo possível do que fora antes da guerra e se mostrava bem pouco disposto a incentivar a presença de mulheres nas fábricas. Hitler sabia que um conflito extenso não suscitava grande entusiasmo entre a população e era sensível à insatisfação noticiada pelo partido. Relutava em testar sua popularidade com cortes drásticos na produção de bens de consumo. Os recursos econômicos da Europa lhe permitiriam evitar isso.^{28//}

//À medida que a Wehrmacht invadia um país depois do outro, uma variedade de peritos em economia, empresários particulares e agentes especiais assumia o

controle de firmas já existentes, expropriavam empresas pertencentes a judeus e tratavam de estabelecer contato com eminentes industriais locais. A Wehrmacht e outras autoridades cobravam os “custos da ocupação” e requisitavam estoques de produtos estratégicos, que iam de juta a bicicleta. A maior parte desses artigos era consumida por unidades do exército ou despachada para o Reich nas remessas dos soldados. Na Primeira Guerra Mundial as tropas alemãs estacionadas nos Bálcãs recebiam alimentos procedentes da Alemanha; agora os enviavam para sua pátria.//

O efeito global dessa política diferia radicalmente de uma região para outra. Nas economias industriais do Protetorado e do noroeste europeu a expropriação física logo cedeu lugar a outra tática: permitir que as instalações existentes continuassem produzindo e confiscar os produtos acabados. A arianização de empresas pertencentes a judeus proporcionou o controle direto, particularmente de grupos tchecos e austríacos. Contudo, firmas de não-judeus ou pertencentes ao Estado também acabaram sendo controladas pelos alemães. Assim, boa parte da indústria pesada e da produção de minérios na Europa central foi incorporada à Reichswerke AG “Hermann Goering” mediante um processo que recebeu o nome de “roubo legalizado”. Os alemães apossaram-se de três quartos do minério de ferro francês e da metade da produção belga. A produção de armamentos tcheca foi crucial para o esforço de guerra. O lucro líquido da Alemanha com esses países é evidente.²⁹

Ironicamente, a política econômica dos nazistas funcionou muito melhor ali que nos territórios do Leste, cuja importância econômica parecia tão grande na imaginação nacional-socialista. Goering, o suserano da economia do Reich até 1942, aceitou a necessidade de explorar recursos *in situ* na Europa ocidental, mas no Leste implantou a “pilhagem” pura e simples, até deparar com a resistência do partido local e dos governantes militares da Polônia e da Ucrânia, que tiveram de arcar com as conseqüências.³⁰//

/// Nas economias basicamente agrícolas da Rússia e dos Bálcãs, a política de expropriação dos alemães não tardou a criar uma situação das mais terríveis. Os camponeses pararam de abastecer o mercado, o excedente desapareceu e as populações urbanas defrontaram com a morte pela fome. Apenas um mês depois da invasão da Grécia pelos alemães, em abril de 1941, observadores locais previram a falta de alimentos. Acertaram: cerca de 100 mil gregos podem ter morrido de fome no inverno daquele ano. No Leste o regime nazista estava preparado para algo ainda pior. “Muitas dezenas de milhões de pessoas serão supérfluas nesta área e

morrerão ou terão de emigrar para a Sibéria”, concluiu um relatório um mês antes da invasão. “Toda tentativa de salvar a população da fome com excedentes da região de terra negra haverá de sacrificar o abastecimento da Europa.” Com os primeiros atos da resistência guerrilheira ao domínio alemão e a brutal reação dos nazistas, a vida no campo tornou-se precária e todas as possibilidades de explorar eficientemente a “terra negra” da Ucrânia esvaíram-se durante a guerra.31//

*exploracao
dentro*
/Enquanto Goering e o Partido Nazista preferiam a exploração direta da população local, Alfred Rosenberg, que era nominalmente o encarregado da política no Leste, preferia encorajar grupos nacionalistas pró-alemães e anti-russos. Como guerra política, poderia ter funcionado, não fosse a oposição dos próprios colaboradores de Rosenberg. O Reichskommissar Kube prometeu aos bielorrussos “nenhum absurdo parlamentar e nenhuma hipocrisia democrática”. Na Ucrânia encontrava-se Erich Koch, devotado seguidor de Hitler. “Tirarei tudo desta terra”, dissera. “Vim aqui não para distribuir felicidade, e sim para ajudar o Führer.” Os ucranianos eram “negros”, e suas tentativas de afirmação política esbarraram no desprezo de Koch/

Os resultados eram óbvios para muitos de seus subordinados. “Se matarmos os judeus, liquidarmos os prisioneiros de guerra, deixarmos morrer de fome uma considerável parcela da população e ainda perdermos parte dos agricultores”, protestou um administrador, “quem haverá de ser economicamente produtivo por aqui?” No começo da ocupação, os camponeses da Ucrânia receberam os alemães como libertadores. Se Hitler tivesse concordado em privatizar as fazendas coletivas, como Rosenberg e seus conselheiros recomendaram, a produção agrícola poderia ter aumentado ao invés de diminuir. Mas ele não o fez, e o grande celeiro da Europa nunca cumpriu sua promessa. No inverno de 1941, a fome espalhou-se pela Ucrânia e pela Galícia oriental. Ocorreu no leste uma retomada da atividade industrial depois que Goering mudou de opinião, porém era tarde demais para reconquistar a simpatia de uma população já totalmente desiludida. Em 1943 muitos camponeses voltaram novamente seus pensamentos para Moscou, alegando que “uma mãe ruim ainda é melhor que uma madrasta que promete demais”. Rosenberg acreditava que seu laiaio Koch “arruinou uma grande oportunidade política”. Só a estratégia mais moderada que a Wehrmacht adotou com os montanhese muçulmanos do Cáucaso indicou uma das grandes possibilidades perdidas da guerra.32

Europa
 "A Blitzkrieg terminou", escreveu um economista militar em janeiro de 1942. "Quanto à economia, é prioridade absoluta reconstruí-la claramente em consequência de uma longa guerra." No inverno de 1941, os líderes alemães tiveram de orientar a economia para uma guerra total. Isso significava, conforme observa Milward, que o projeto original de criação de uma Nova Europa falhara e com ele os esforços de Goering para coordenar a produção de armas por meio do Plano Quadrienal; a salvação da revolução nacional-socialista demandava uma profunda transformação das relações econômicas e uma racionalização do gigantesco mas ruinoso programa de rearmamento iniciado em 1936.³³

Agora era preciso explorar mais que nunca os países-satélites. O jovem tecnocrata Albert Speer, um dos favoritos de Hitler, começou a coordenar a produção bélica. Fritz Sauckel, instrumento do partido, recebeu ordens de arrebatar mais alguns milhões de trabalhadores estrangeiros para servirem ao Reich. Tendo exterminado naquele inverno quase 3 milhões de prisioneiros de guerra russos, o regime percebia agora sua desesperadora necessidade de mão-de-obra. Conforme escreveu um funcionário em fevereiro de 1942: "A atual dificuldade na distribuição de trabalhadores não existiria se no momento adequado se tivesse decidido distribuir em maior escala os prisioneiros de guerra russos. Dos 3,9 milhões de russos disponíveis, restou apenas 1,1 milhão".³⁴

de 1941
 //O Reich já dependia da mão-de-obra estrangeira: cerca de 700 mil poloneses foram empregados no verão de 1940 e um ano depois havia 2,1 milhões de trabalhadores civis e 1,2 milhão de prisioneiros de guerra. A partir de 1942, os esforços de Sauckel pelo continente afora resultaram no recrutamento forçado de milhões de trabalhadores. Os métodos violentos utilizados por seus subordinados provocaram enorme protesto e ajudaram a intensificar a resistência ao domínio nazista. Um relatório de novembro de 1942 apresenta uma vívida descrição da maneira como se arregimentavam trabalhadores:

Homens e mulheres, inclusive adolescentes a partir de quinze anos, são agarrados na rua, nas feiras livres e nas festas de sua comunidade e conduzidos para longe. Por esse motivo os moradores estão com medo, escondem-se e evitam sair de casa [...] Além de se aplicarem chibatadas como castigo, desde o começo de outubro incendiam-se

sítios ou aldeias inteiras em represália à desobediência da municipalidade local às ordens de providenciar a mão-de-obra disponível.³⁵ //

Em abril de 1943 o chefe da agência de Sauckel em Varsóvia foi morto em seu escritório; no mês seguinte o protesto generalizado resultou numa diminuição do recrutamento forçado na Europa ocidental.

Mesmo assim, a mão-de-obra estrangeira era essencial para o esforço de guerra alemão. Já em 1942 entre 80% e 90% dos 600 mil operários da gigantesca Reichswerke de Goering eram estrangeiros civis e prisioneiros de guerra; o restante da economia seguia o exemplo. Em 1944 havia 8 milhões de trabalhadores no Reich, na maioria civis, e 2 milhões diretamente subordinados aos alemães em outros países. Eles atuavam na agricultura e constituíam uma fonte barata de empregados domésticos. Correspondiam a um terço da mão-de-obra utilizada na produção de armamentos, em novembro de 1944, e a mais de um quarto dos operários dedicados à construção de máquinas e à indústria química. Sua presença resguardou a população alemã e poupou o regime de estabelecer uma estratégia interna que teria obrigado donas-de-casa a trabalhar fora. Conforme escreveu um estudioso nazista: “Preferimos suportar um aumento temporário no elemento estrangeiro em certas ocupações a colocar em perigo o vigor biológico do povo alemão com a maior participação das mulheres na força de trabalho”.³⁶

A caçada humana de Sauckel pelo continente pode ter ajudado o esforço de guerra na Alemanha, mas em outros lugares causou transtornos tremendos. Ante a ameaça de serem capturados e despachados para o Reich, trabalhadores da Europa ocupada com freqüência abandonavam o emprego e tratavam de se esconder. Os administradores locais procuravam formas de protegê-los da deportação e os policiais faziam vista grossa. O crescimento do Maquis na França e da resistência na Grécia teve relação direta com a intensidade crescente das investidas de Sauckel. Políticos e funcionários públicos tentaram convencer os alemães a mudar sua estratégia. Encontraram seu maior aliado na pessoa de Albert Speer, o ministro da Produção Bélica.

Diferentemente de Sauckel, Speer acreditava que a cooperação econômica com as economias industrializadas da França, da Bélgica e da Holanda era essencial para o esforço de guerra do Reich. O recrutamento forçado de trabalhadores não fazia sentido se malquistava governos e empresários estrangeiros, desmantelava a produção e intensificava a resistência ao domínio alemão. Na França a tática

de Sauckel levava Laval ao desespero: “Esta política já não é de colaboração, e sim de sacrifício, do lado francês, e de compulsão, do lado alemão”. Speer propôs, na verdade, ressuscitar a colaboração — uma questão de racionalidade mais que de orgulho político.³⁷

!A racionalização da produção concebida por Speer considerava todo o noroeste europeu como uma só unidade econômica. Era algo muito diferente da expropriação que caracterizara as primeiras formas da política econômica alemã e que, em certo sentido, atingiu o auge na exploração da mão-de-obra européia por parte de Sauckel. Speer tinha uma visão mais fria e menos nacionalista; preferia o planejamento à pilhagem e o mundo dos negócios à ideologia nacional-socialista. Para ele, a criação de uma indústria bélica de proporções européias — essencial para a Alemanha ter uma possibilidade de ganhar a guerra — requeria a proteção de economias industriais externas ao Reich e, por extensão, a proteção de uma força de trabalho adequadamente capacitada e motivada!

Os esforços de Speer para implantar a produção de armas na Polônia e na Ucrânia esbarraram na devastação econômica provocada por políticas anteriores. Na França, porém, onde os interesses ideológicos eram pequenos, sua estratégia causou impacto. Ele conseguiu sustar o recrutamento forçado de Sauckel e chegar a um entendimento com tecnocratas locais (como Jean Bichelonne, o ministro da Produção Industrial de Vichy), o que possibilitou planejar a produção industrial em conjunto em vez de simplesmente destiná-la à expropriação. “É uma imbecilidade convocar 1 milhão de franceses”, argumentou, criticando Sauckel, “para ficar com 2 milhões de trabalhadores a menos na França e entre 50 mil e 100 mil a mais na Alemanha.” Não só material bélico, como bens de consumo iam para o Reich. No outono de 1943 os alemães utilizaram cerca de 40% a 50% da produção industrial francesa. Nessa época Speer pensava em criar gigantescos cartéis industriais de carvão, carros, alumínio e outros produtos, que podiam ser incluídos numa zona franca européia.³⁸

Por causa disso, ele é considerado um pioneiro dos acordos industriais que levariam à Comunidade Européia do Carvão e do Aço e, por fim, ao Mercado Comum. Há alguma verdade em tal interpretação, que decerto é no mínimo tão plausível quanto a que faz essas instituições do pós-guerra remontar ao federalismo da resistência antinazista. Contudo, permanece inalterado o fato de que a Nova Ordem foi muito mais, e muito menos, que um proto-Mercado Comum. Por um lado Speer era realista, pois reconhecia a impossibilidade de ganhar uma guerra

moderna, altamente industrializada, com a primitiva economia de conquista de Hitler; por outro, porém, estava enganado, pois sem a política de Hitler o Terceiro Reich não era nada. Em outras palavras, sua visão de um mundo onde os negócios suplantavam o conflito político — um mundo surpreendentemente semelhante ao que acabou despontando depois de 1945 — não podia concretizar-se na Europa de Hitler. O próprio Hitler limitou o planejamento de Speer e nunca retirou inteiramente seu apoio a Sauckel: a vitória da racionalidade sobre a ideologia foi apenas temporária.

Se a Europa não pôde ser “organizada”, boa parte da culpa coube aos “organizadores” e a seu conceito de “organização”. Com a lucidez que o caracteriza, o filólogo Victor Klemperer apontou as conotações nazistas desse conceito — disciplina imposta, hierarquia, ordem —, devidas a seu racismo subjacente. Seu reverso foi a “organização” (isto é, o roubo, o furto, o saque) efetuada pelos ínfimos nos campos de concentração. Mais que um princípio de eficiência administrativa isenta de juízo de valor, a organização no estilo nazista significou a subordinação econômica das raças inferiores da Europa ao *Volk* nórdico-germânico. Assim, a economia era inseparável da ideologia; a raça seria o autêntico princípio “organizador” do continente.³⁹

A EUROPA COMO ENTIDADE RACIAL

9 *em* *agosto* *de* *1941* *Hitler* *proclamou*: “A Europa não é uma entidade geográfica. É uma entidade racial”. A Liga das Nações havia tentado conservar as minorias onde elas estavam e assegurar a estabilidade por meio do direito internacional; Hitler, ao contrário, não acreditava em direito e pretendia assegurar a estabilidade deslocando populações. Em nome de objetivos raciais remanejaram-se nações, e milhões de pessoas foram arrancadas de sua pátria, reinstaladas num lugar estranho, a centenas de quilômetros de distância, abandonadas, encerradas em campos de trabalho ou deliberadamente eliminadas. É sobretudo nesse aspecto que a Segunda Guerra Mundial difere de conflitos anteriores. Existe um abismo enorme entre as aspirações do kaiser Guilherme em 1918 — com seu antiquado programa de assimilação pela germanização cultural — e o racismo biológico de 1939.⁴⁰

0 *o* *Esse* *mundo* *novo* *de* *extermínio* *em* *massa* *e* *aniquilação* *cultural* *patrocina-*
dos *pelo* *Estado* *deu* *origem* *a* *um* *novo* *termo* — *genocídio* —, *que* *surgiu* *em* *1944*,

no estudo *Axis rule in occupied Europe*, do advogado judeu polonês Raphael Lemkin. Depois do conflito, os julgamentos de Nuremberg, a Convenção do Genocídio das Nações Unidas, o julgamento de Eichmann e o interesse da mídia pelo que se tornou conhecido como Holocausto difundiram a idéia de que a Segunda Guerra Mundial foi, em certa medida, uma guerra racial — vista, com freqüência, exclusivamente em termos de “a guerra contra os judeus” (para citar o título de um estudo famoso), De fato, a solução final da questão judaica surgiu de um entrelaçamento mais amplo de questões raciais que o regime nazista procurou “resolver” por meio da guerra.

Uma conseqüência da conquista da Europa pelos nazistas foi a extensão da dialética do Estado do bem-estar racial a uma escala continental — um Estado, em outras palavras, onde as medidas policiais de repressão aos “racialmente indesejáveis” eram o anverso da estratégia de salvaguardar o vigor da *Volksgemeinschaft*. A Nova Ordem na Europa envolvia, por um lado, medidas para eliminar a “ameaça” que judeus, ciganos, poloneses, ucranianos e outros *Untermenschen* representavam para o Reich e, por outro, planos grandiosos em prol do *Deutschtum* — em particular, prover o bem-estar e o reassentamento dos chamados *Volksdeutsche*, os 10 milhões de germanófonos que viviam fora do Reich. Expulsão e colonização, extermínio e assistência social eram os dois lados da mesma moeda imperial.

A guerra não só expandiu o alcance geográfico da política racial nazista como a radicalizou e complicou. Foi o grande catalisador. Para Hitler, no final dos anos 1930, o primeiro reassentamento de alemães do Tirol meridional constituiu inicialmente uma questão de necessidade diplomática: nas mãos de Himmler, depois de outubro de 1939, converteu-se no prelúdio de uma visão muito mais ambiciosa, envolvendo o completo remanejamento étnico da Europa oriental. Os objetivos do reassentamento passaram por várias mudanças à medida que aumentava a extensão territorial dos alemães e as perspectivas se modificavam. Pode-se dizer o mesmo sobre a estratégia relativa aos “racialmente indesejáveis”. A progressão da guerra levou a política para águas desconhecidas.

No tocante à “questão judaica”, abriram-se novas perspectivas, e surgiram novas dificuldades, quando a Polônia, depois a Europa ocidental e por fim grandes porções da União Soviética caíram em poder dos nazistas. A “estrada tortuosa para Auschwitz” compreendeu atalhos equivocados, como o Plano Madagáscar de 1940 (o envio dos judeus europeus para essa ilha), e improvisações mortíferas, como as unidades de gás usadas na Sérvia, na Ucrânia e em Chelmno, antes de

ocorrer à cúpula nazista a idéia da aniquilação maciça, industrializada, nos campos de extermínio.

//Paralelamente à expansão e à radicalização da agenda racial houve um rápido crescimento da ss. Ao agrupar os serviços de segurança na RSHA, sob a direção de Heydrich, Himmler passou a exercer ampla influência no policiamento e no serviço de informações em boa parte dos territórios ocupados. Criado em 1934, o império do campo de concentração (excluindo-se os campos de extermínio) expandiu sua população de 25 mil em 1939 para 714 mil em 1945 e foi administrado por outro setor da ss, a WVHA. Os campos de extermínio não existiam em 1939; em 1942, mataram mais de 1 milhão de pessoas. A criação de uma nova classe de colonos alemães a partir dos infelizes *Volksdeutsche* tornou-se responsabilidade da RKFDV, que, instituída em outubro de 1939, retirou de suas casas mais de 1 milhão de alemães étnicos, administrou centenas de campos de reassentamento e instalou no mínimo 400 mil na Europa oriental. Foi, portanto, a guerra que permitiu à ss rivalizar com o poder do aparato estatal estabelecido na União Soviética para controlar a vida e o destino de milhões de pessoas.⁴¹

//A centralidade do pensamento racial — bem como a idéia do assassinato maciço industrializado — constituiu a diferença básica entre o império de Hitler e o de Stalin. Com o poder de reformular a composição humana de um continente inteiro, Himmler e a ss depararam com as ambigüidades, os dilemas e as limitações de uma política imperial configurada pelas premissas do racismo biológico. Para começar, qual devia ser o papel dos alemães? Deviam concentrar-se no Reich, conforme a opinião que prevaleceu até 1941, ou formar uma classe fronteiriça para povoar as marcas orientais, tal qual fizeram seus antepassados medievais? Como raça superior, deviam encher suas propriedades com milhares de servos eslavos, ou cultivar a terra de acordo com a noção nazista de que *Blut und Boden* constituía a garantia máxima da vitalidade ariana? Como reconhecer um alemão étnico: pelo idioma, pelas características físicas ou pela genealogia? Durante toda a guerra, os burocratas nazistas discutiram acaloradamente essas questões. Quanto aos *Untermenschen*, eram uma força de trabalho necessária ou uma ameaça biológica que cumpria eliminar? Tais eram os dilemas do *apartheid* praticado na vasta e criminosa escala da Nova Ordem de Hitler. //

As disposições de Versalhes referentes aos problemas das minorias na Europa oriental expiraram em Munique, quando Ribbentrop, o ministro do Exterior alemão, secretamente prometeu aos italianos reassentar no Reich os alemães étnicos do Tirol meridional. Junto com a anexação dos Sudetos, essa promessa encerrou a era dos Tratados das Minorias e inaugurou uma abordagem mais brutal das tensões étnicas na Europa. As garantias legais cederam lugar a traslados compulsórios de populações nos moldes da troca greco-turca efetuada quinze anos antes.

A princípio, isso resultou num grande influxo de alemães étnicos no Reich. Assim como a necessidade de contar com o apoio da Itália levou Hitler a revogar uma política anterior e sancionar o reassentamento de 80 mil alemães do Tirol meridional, sua necessidade de contar com o apoio da Rússia em 1939-40 levou-o a um sacrifício semelhante das comunidades alemãs do Báltico e da Bessarábia. Em outubro de 1939, a ss recebeu a incumbência de repatriar cerca de 75 mil alemães da Letônia e da Estônia; no mês seguinte um novo acordo entre Berlim e Moscou abrangeu os 128 mil *Volksdeutsche* da Polônia ocupada pelos soviéticos. Dentro de semanas essa gente começou a chegar ao Reich e à Polônia ocupada, e não se sabia ainda onde e como instalá-la.

Hitler concebeu o reassentamento como uma tarefa do Partido Nazista, mas Himmler logo o convenceu a confiá-lo à ss. No começo de 1940 ele criou a Comissão do Reich para a Consolidação da Nacionalidade Alemã (RKFVD), encarregada de organizar evacuações, a triagem racial de evacuados e campos de recepção. Cabia à RKFVD não só zelar pelos imóveis que os alemães bálticos haviam deixado para trás como encontrar novas propriedades onde reassentá-los. Esta última tarefa envolvia a expulsão da poloneses e judeus de seus imóveis nos territórios conquistados.

Entre 1939 e 1941, as atividades da RKFVD concentraram-se na Polônia, agora dividida nos territórios ocidentais de Warthegau e Dantzig, que foram incorporados ao Reich, e no Governo Geral, administrado como uma colônia por Hans Frank. Himmler pensou em criar uma linha de demarcação clara entre os alemães e a população "racialmente inferior". Os alemães étnicos seriam conduzidos para os territórios ocidentais incorporados, enquanto os poloneses e os judeus daque-

Volksdeutsche [...] Os bebês e as crianças pequenas, aparentemente mais numerosos que no Canadá francês, brincavam sob os cuidados de professoras, a maioria das quais eram moças alemãs da Romênia e da Iugoslávia, que assim prestavam seu trabalho voluntário. De quando em quando, um jovem se carinhosamente pegava uma criança e carregava-a nos ombros ou a segurava no colo [...]

Foi surpreendente ouvir esses refugiados. Ter de deixar a terra de seus ancestrais constituiu para eles uma catástrofe, sem dúvida. E ainda não sabiam quando e onde encontrariam um novo lar. Seu futuro imediato era seguir para outros campos, pois ainda não se decidira seu destino final. Entretanto velhos e jovens, ricos e pobres expressavam um mínimo de tristeza e uma confiança ilimitada na Alemanha do Führer. Esses prolíficos descendentes de colonos prolíficos, que falavam o alemão antiquado de Wuerttemberg na época de Schiller, estavam voltando para a Alemanha de Hitler como se fossem para a Terra Prometida [...] Temos de admitir que infundir-lhes tão fervorosa certeza foi um grande triunfo para Hitler. Não havia como não se impressionar com tal triunfo. Aqui o Estado protetor exercia seu papel em grandioso estilo.¹²

Cabe notar que Stalin exerceu sobre esses refugiados uma influência no mínimo tão importante quanto a de Hitler (os *Volksdeutsche* que se encontravam fora da esfera soviética viam a “repatriação” com muito menos entusiasmo); todavia não deixa de ser verdade que o Terceiro Reich, permanecendo fiel a sua preocupação com o bem-estar racial, investiu idealismo, esforço e dinheiro no programa de repatriação.

//Nem todos os imigrantes aceitavam o desarraigamento: um número significativo deles ficava para trás, enquanto muitos choramingavam, querendo voltar para casa. Os alemães da Lorena não tinham a menor vontade de partir para a Galícia a fim de garantir os experimentos raciais de Himmler; os da Letônia desejavam ir para sua terra depois que a Wehrmacht ocupasse os Estados bálticos; os *Volksdeutsche* dos arredores de Atenas, cujos antepassados bávaros se instalaram ali com o rei Oto, um século antes, agora se encontravam num campo de Passau, se lamuriando: “Não gostamos daqui, queremos voltar para a Grécia”. Muitos, porém, eram apaziguados pelas jovens da Liga das Moças Alemãs (BDM), que saíam do Reich para ir ao Leste dar as boas-vindas a novos grupos, arrumar sítios expropriados para acomodá-los e ajudá-los a cuidar das crianças. Milhares de membros

da Juventude Hitlerista sentiam-se atraídos pelo “mistério do Leste” e utilizavam seu Ano de Serviço Agrícola para cooperar na instalação dos recém-chegados.⁴³

Desnecessário é dizer, porém, que poloneses e judeus receberam tratamento diferente. A ss deportou os pobres *Untermenschen* dos territórios ocidentais sem avisá-los com maior antecedência. Podendo levar apenas uma pequena bagagem de mão, uma pequena quantia em dinheiro e nenhum objeto valioso, foram conduzidos à estação ferroviária mais próxima ou simplesmente abandonados em campo aberto. Não se tomou nenhuma providência relativa a seu futuro bem-estar. Num esforço deliberado para enfraquecer ou eliminar a resistência polonesa — o que Hitler chamou de “faxina política” —, os esquadrões da ss voltaram-se contra os intelectuais e outros membros da elite nacional. Os professores da Universidade da Cracóvia, por exemplo, seguiram, em novembro de 1939, para o campo de concentração de Sachsenhausen, onde a maioria morreu. Em 1940, numa série de represálias contra ataques a alemães, os nazistas incendiaram aldeias e mataram centenas de civis, definindo o padrão de truculência que logo se alastraria pela Europa oriental. A “Ação AB”, perpetrada naquele verão, resultou na prisão e execução de 3 mil pessoas ilustres: os oficiais responsáveis receberam garantias de que não seriam processados. Em 12 de julho o médico polonês Zygmunt Klukowski anotou em seu diário a “terrível notícia sobre as execuções de mais de quarenta pessoas em Lublin [...] Custa-me crer que seja verdade”. Dois dias depois, ao tomar conhecimento de que um guarda-florestal disparara impunemente num jovem polonês, escreveu com tristeza: “Para os alemães, é legítimo atirar em poloneses e judeus”.⁴⁴

O que tornava particularmente terrível a situação dos poloneses era a conduta ainda mais desumana das forças soviéticas na Polônia oriental, ocupada pelo Exército Vermelho entre 1939 e 1941. Ali também estava em curso o assentamento compulsório, e nas mãos dos soviéticos morreram muitas centenas de milhares de pessoas. Nessa época, o número de assassinatos cometidos pelos nazistas foi muito menor. Contudo, em sua guerra de conquista racial, os alemães logo superaram os comunistas e deram início a uma “guerra de aniquilação” total. Já os internos de hospícios poloneses haviam sido reunidos e fuzilados para deixar espaço para os alojamentos da ss. Assim, o programa de eutanásia dos nazistas chegava aos territórios ocupados. Os judeus poloneses receberam um tratamento igualmente assustador. O programa de deportação dos territórios ocidentais não estabelecera distinção entre poloneses e judeus — ambos deviam ser banidos das

áreas reservadas ao assentamento de alemães. Mas a ss, por meio das unidades da Caveira e dos *Einsatzgruppen* do SiPo/SD, realizou execuções sumárias de judeus velhos, queimou sinagogas e saqueou propriedades judaicas. Lublin era o destino de centenas de milhares de judeus expulsos da Polônia ocidental.

Na século XIX a germanização da Polônia se processara gradativamente, com a cultura e a língua proporcionando uma transmissão paulatina de valores germânicos à população em geral (muitas vezes pelos judeus). Já a política nazista adotou como princípios básicos a exclusão, a separação e o extermínio. Os territórios ocupados tinham de ser germanizados à força e com a maior rapidez possível. Hitler informou a seus *Gauleiters* que dispunham de apenas dez anos para completar a germanização das províncias. O alemão substituiu o polonês na vida pública, e as cidades, em particular, logo se transformaram: Lódz recebeu o nome de Litzmannstadt; Poznan, o de Posen. Até no Governo Geral, no centro e no sul da Polônia, ocorreram processos semelhantes. Klukowski observou que “em Bilgoraj há uma crescente germanização. Por toda parte vêem-se novas placas em alemão”.⁴⁵

A germanização envolveu uma política de negação cultural. As universidades polonesas foram fechadas (como as tchecas algum tempo antes), e, de acordo com a estratégia de “esterilização espiritual”, restringiu-se a instrução à elementar e profissional. Em maio de 1940 Himmler explicou a política educacional nazista: “Essa escola deve ter como objetivo único: ensinar a contar, no máximo até quinhentos, a escrever o próprio nome [...] a obedecer aos alemães e ser honesto, trabalhador e bom. Não acho necessário ensinar a ler. Além dessa escola, não deve haver nenhuma outra em todo o leste”.⁴⁶

Tendo estabelecido uma nítida distinção entre culturas, a ss ainda se esforçou para separar os indivíduos racialmente “valiosos” dos “inúteis”. Entretanto, a pseudociência do racismo biológico não ajudou muito a identificar os alemães potenciais entre a população eslava das sociedades etnicamente mistas da Europa oriental. O processo de seleção era tão estrito quanto arbitrário. Um funcionário nazista sentiu-o na pele quando, antes de conseguir provar sua identidade, foi incluído por engano na triagem de centenas de tchecos e declarado racialmente imprestável. Mas esse momento de humilhação foi insignificante em comparação com os vividos por milhares de famílias despedaçadas no esforço de preservar o valor racial ou pelas centenas de milhares de mulheres consideradas germanizáveis e enviadas para o Reich a fim de aprender modos alemães trabalhando como

domésticas em casas alemãs. O processo de triagem acabou se estendendo até os campos de concentração, numa tentativa de reforçar com escravos de olhos azuis e cabelos loiros os estoques cada vez menores de *Deutschtum*.⁴⁷

Os judeus não tiveram essa possibilidade. A própria cultura judaica encontraria uma “morte histórica” e existiria apenas como lembrança. Alfred Rosenberg, o principal teórico da ideologia nacional-socialista, espalhou pela Europa bandos de soldados, bibliógrafos e historiadores da arte encarregados de recolher os bens culturais das comunidades judaicas e despachá-los para Frankfurt, onde Hitler lhe ordenara criar um centro de pesquisa para ideólogos nazistas. Em 1943 um administrador gabou-se de que “na Nova Ordem da Europa a biblioteca sobre a questão judaica, não só para os europeus, mas para o mundo, estará em Frankfurt sobre o Meno”.⁴⁸

A GUERRA RACIAL (2): *VERNICHTUNGSKRIEG*, 1941-5

As dimensões criminosas da política nazista em relação aos judeus demoraram para emergir da completa reestruturação racial do Leste europeu. Como os planos de Himmler relativos a um Estado de *apartheid* na antiga Polônia esbarra-ram na oposição de outros burocratas nazistas, abandonou-se o projeto de utilizar o Governo Geral como uma “reserva” de judeus. O próprio Hitler reconheceu, em março de 1940, que não era viável reunir milhões de judeus na região de Lublin. No entanto, a invasão da França proporcionou a Himmler uma nova oportunidade, e em maio de 1940 ele apresentou ao Führer uma nova solução para os dilemas raciais da Alemanha.

Em “Algumas considerações sobre a forma de tratar populações estrangeiras no leste”, sugeriu a triagem racial de toda a população da antiga Polônia: os “racialmente valiosos” podiam ser transferidos para a Alemanha, e os demais seriam jogados no Governo Geral, constituindo um reservatório de mão-de-obra barata para o Reich. Ao abordar sucintamente a questão judaica, Himmler observou: “Espero apagar de uma vez por todas o conceito de judeu com a possibilidade de uma grande emigração para uma colônia na África ou alhures”. O memorando levantou a hipótese de genocídio, porém a descartou: “Por mais cruel e trágico que possa ser cada caso individual, esse método ainda é o mais brando e o melhor, se rejeitarmos a tática bolchevique da aniquilação física de um povo como não-alemã e impossível”.⁴⁹

O extermínio maciço nessa escala apavorante assinalou um novo estágio na abordagem da *Endlösung* e mostrou que os nazistas já não consideravam a solução final em termos de reassentamento. Contudo, a execução de tantos civis, inclusive de mulheres e crianças, estava custando caro aos executores. Em agosto de 1941 o Sonderkommando 4a matou as centenas de judeus adultos que habitavam a cidade ucraniana de Byelaya Tserkov, mas deixou cerca de noventa crianças sob vigilância. “Tendo sido aniquilados todos os judeus da cidade, tornou-se necessário eliminar as crianças, especialmente os bebês”, registrou um oficial da Wehrmacht. Completou-se o morticínio. Depois, contudo, o mesmo oficial observou — deixando furioso o marechal-de-campo Von Reichenau, um militar linha-dura — que “as medidas tomadas contra mulheres e crianças não diferiam em nada das atrocidades cometidas pelo inimigo”. Tais escrúpulos não impediram o extermínio em massa, porém o complicaram.⁵³

Em parte para evitar constrangimentos, em parte para aumentar a eficiência do processo, passou-se a utilizar gás nos campos especialmente concebidos para extermínio. Inaugurou-se o novo método, segundo parece, no final do verão e começo do outono de 1941, mais ou menos na mesma época em que Himmler assistiu pessoalmente a um fuzilamento maciço realizado pelo Einsatzkommando 8 em Minsk. A ss já havia usado unidades de gás móveis na Prússia oriental e no Governo Geral em 1939-40. E, justamente quando Himmler procurava uma alternativa aos fuzilamentos, a indignação do público determinou o fim da campanha da eutanásia no Reich. A chancelaria de Hitler assumira o controle do programa T-4; agora especialistas em técnicas de envenenamento por gás estavam disponíveis para seguir para o Leste.

Em setembro de 1941, alguns centros de eutanásia receberam judeus procedentes dos campos de concentração, sinal de que já se destinavam ao extermínio maciço de judeus. Por volta dessa época um castelo de Chełmno, perto de Łódź, converteu-se num campo de extermínio rudimentar, e a partir de dezembro de 1941 se empregaram unidades de gás fixas, operadas por especialistas do antigo programa de eutanásia, para eliminar o restante da população judaica do Warthegau. Os *Einsatzgruppen* passaram a utilizar unidades móveis em todo o Leste. Os técnicos da ss desenvolveram dois tipos — o Diamond, com capacidade para 25 a 30 pessoas, e o Saurer, com capacidade para 50 a 60 — e monitoravam as operações cuidadosamente, sobretudo em condições de mau tempo. “Desde dezembro

de 1941, processaram-se 97 mil com três unidades, e as máquinas não apresentaram defeito algum”, informa um relatório.⁵⁴

campos de extermínio
Entretanto, a chave da solução final era a construção de centros de extermínio especiais no Governo Geral. A princípio a ss concentrou-se na área de Lublin, que, segundo os antigos planos de reassentamento, deveria transformar-se num depósito de judeus procedentes da Polônia ocidental. Christian Wirth, especialista em eutanásia, tornou-se responsável pelo primeiro campo de extermínio, Belzec, onde as execuções com monóxido de carbono tiveram início em março de 1942. No final de 1941 prisioneiros de guerra soviéticos construíram o campo de Majdanek, que recebeu os primeiros judeus de Lublin em dezembro e passou a operar câmaras de gás em setembro de 1942. Outros técnicos em eutanásia foram designados para Treblinka e Sobibor. Nesses e em outros campos de extermínio foram construídas câmaras de gás, ampliadas à medida que surgiam problemas de capacidade.⁵⁵

Auschwitz, concebido para prisioneiros políticos poloneses, também se ampliou. Urbanistas da ss sonhavam em transformar a polonesa Oświęcim na Stadt Auschwitz, um núcleo da colonização alemã, com ruas retas, cinemas modernos e terras férteis no lugar dos pântanos que rodeavam a cidade. O campo compreendia, além dos barracões dos prisioneiros, a enorme fábrica de borracha sintética que os diretores da IG Farben resolveram construir longe do alcance dos bombardeiros aliados. Na vizinha Birkenau um novo campo, gigantesco, abrigava prisioneiros de guerra soviéticos em condições assustadoras; foi nesses homens que em 3 de setembro de 1941 se testou pela primeira vez um inseticida chamado Zyklon-B, patenteado por uma subsidiária da IG Farben. Pouco depois surgiram novas câmaras de gás para a matança em massa. Em 1942-3 Birkenau converteu-se no principal campo de extermínio dos judeus europeus.⁵⁶

Portanto, em 1942 já se dispunha dos pré-requisitos tecnológicos para o morticínio industrializado. Os campos de extermínio estavam sendo construídos e havia disponibilidade de gases venenosos, baratos e devidamente testados. Sob a condução da ss e com o apoio de Hitler, concluíam-se os complexos arranjos diplomáticos, legais e logísticos para eliminar toda a população judaica da Europa ocupada. Em outubro e novembro de 1941 a cúpula nazista discutira exaustivamente o assunto, cujas dimensões administrativas constituíram o tema da Conferência de Wannsee, marcada para dezembro mas adiada para janeiro de 1942. Quando Heydrich, adjunto de Himmler, foi assassinado, em maio de 1942, a “Operação

Reinhard” estava liquidando os judeus da Polônia e os primeiros trens cheios de judeus eslovacos já haviam chegado a Auschwitz.⁵⁷

No início de 1943, Richard Korherr, principal estatístico da ss, elaborou para Himmler um relatório sobre o progresso da solução final, informando que 1449692 judeus poloneses já haviam recebido “tratamento especial”. Himmler reprovou o uso desse eufemismo e corrigiu o texto: “Transporte dos judeus das Províncias Orientais para o leste da Rússia: [1449692]”. Os números falam por si. No final de 1943, quando se fecharam os campos de extermínio, haviam morrido aproximadamente 150 mil judeus em Kulmhof/Chełmno, 200 mil em Sobibor, 550 mil em Belzec e 750 mil em Treblinka — assim, os judeus da Polônia foram mortos principalmente nos chamados campos de “Reinhard”. Auschwitz-Birkenau, o gigantesco complexo que reunia campo de trabalhos forçados e centro de extermínio, continuou operando por mais um ano. Entre março de 1942 e novembro de 1944 ali morreram muito mais de 1 milhão de pessoas, na maioria judeus da Grécia, da Hungria, da França, da Holanda, da Itália e da Polônia.⁵⁸

Korherr resumiu o impacto da solução final no relatório que redigiu para Hitler em abril de 1943. “No total, os judeus da Europa reduziram-se praticamente à metade desde 1933, ou seja, na primeira década do desenvolvimento do poder do nacional-socialismo. Novamente a metade, quer dizer, um quarto da população judaica de 1937, fugiu para outros continentes.” Na verdade, o número total de mortes foi consideravelmente maior, pois a chacina prosseguiu, dentro e fora dos campos, até o fim da guerra.⁵⁹

os não mortos // Ao término do conflito, haviam sido assassinados entre 5 milhões e 6 milhões de judeus europeus, quase a metade dos 11 milhões registrados na Conferência de Wannsee. Em alguns países, como a Polônia e a Grécia, liquidou-se praticamente a comunidade inteira. Outros grupos étnicos também foram dizimados, notadamente 200 mil a 500 mil ciganos (muitos deles em Belzec e Birkenau), sérvios, poloneses, ucranianos e russos; mas por sua natureza sistemática a solução final constituiu um caso à parte. Comparada com as técnicas primitivas utilizadas por outros expoentes do genocídio — como o croata Ustase, que massacrrou no mínimo 334 mil sérvios na Croácia e na Bósnia, e os romenos, que realizaram sangrentos pogroms em Transnistria —, a *Endlösung* demonstrou a superior eficiência genocida de uma operação efetuada por uma burocracia moderna com equipamento industrial.⁶⁰ //

mo, à incapacidade de imaginar o que estava ocorrendo ou simplesmente ao fato de que a solução final nunca foi uma preocupação maior no esforço de guerra dos aliados.⁶²

Também é difícil avaliar a opinião pública na Europa ocupada. O anti-semitismo constituía um fenômeno continental com uma longa história e em alguns lugares explica uma atitude de indiferença ou até mesmo de satisfação pelos sofrimentos dos judeus. Tampouco se deve esquecer que o genocídio sempre proporciona espetaculares oportunidades de enriquecimento — fábricas, lojas, propriedades, móveis, roupas abandonadas —, com as quais a potência invasora pode comprar o contentamento popular. Depois de 1940, Eichmann estendeu o “modelo Viena” de “arianização” de bens judaicos a Amsterdã, Paris, Salônica e a outras grandes cidades européias, enquanto os agentes de Rosenberg sozinhos se apossaram do equivalente a 674 trens carregados de móveis e utensílios domésticos na Europa ocidental. O ouro arrancado dos dentes das vítimas de Auschwitz lotou 72 trens, que rumaram para Berlim. Se o grosso desse ouro foi para casas alemãs ou para bancos suíços, uma parte considerável encheu os bolsos de indivíduos inescrupulosos — colaboracionistas, informantes, agentes — de todas as nacionalidades. Cabe ressaltar, porém, que a aprovação da solução final não foi um fenômeno comum. Diante dos horrores da ocupação, a maioria das pessoas que vivia sob o domínio nazista se recolheu a um mundo privado e tentou ignorar tudo o que não lhe dizia respeito diretamente. Com as normas morais tradicionais evidentemente revogadas, a extraordinária crueldade dos alemães para com os judeus criou um medo mais generalizado entre os não-judeus.

O que não podemos perder de vista são as reações — ou a falta de reações — dos alemães. Não houve no Reich nenhum protesto público equivalente ao furor suscitado pela campanha da eutanásia. Aparentemente, a maioria dos alemães aceitou a exclusão dos judeus de sua comunidade. Policiais de meia-idade participaram das execuções em massa; professores universitários, advogados e médicos comandaram os *Einsatzgruppen*. Não agiram assim por medo: não há registro de ninguém que tenha sido punido com a morte por se recusar a fuzilar civis inocentes. Ao contrário, as cartas dos guardas dos campos de concentração e dos membros dos esquadrões da morte revelam o que indivíduos comuns, vivendo na Europa em meados do século xx, foram capazes de fazer sob a influência de uma ideologia criminoso. Nem mesmo em plena carnificina eles deixaram de lado suas preocupações pessoais com namoradas, esposas ou filhos.

Ao julgar o ss-Untersturmführer Max Täubner, em maio de 1943, pelo fuzilamento não autorizado de judeus na Ucrânia, a ss e a Suprema Corte Policial de Munique demonstraram quais eram os valores morais do Terceiro Reich. O julgamento enfatizou que matar judeus não constituía crime: “Os judeus têm de ser exterminados e nenhum dos judeus mortos representa uma grande perda”. Aos olhos do tribunal, o delito de Täubner consistiu em matá-los cruelmente e permitir que “seus homens se conduzissem sob seu comando como uma horda selvagem”. Embora tivesse agido por “sincero ódio aos judeus”, e não por “sadismo”, ele revelara um caráter “inferior” e “alto grau de brutalização mental”. “A conduta do acusado é indigna de um alemão honrado e decente”, foi o veredito.⁶³

Uma aceitação semelhante do assassinato por motivo racial evidenciava-se no interior do Reich. Passou-se a considerar normal a segregação de forçados civis e prisioneiros de guerra, estabelecida pela Gestapo. Sucediavam-se as denúncias contra trabalhadores estrangeiros. Aparentemente, o enforcamento ou a flagelação pública de trabalhadores estrangeiros que tiveram relações sexuais com cidadãs alemãs provocavam poucos protestos, assim como as restrições impostas pela polícia a seus movimentos e atividades: os poloneses, por exemplo, estavam proibidos de usar bicicleta ou ir à igreja. As opiniões nazistas sobre a inferioridade dos “operários orientais” pareciam gozar da aprovação geral. Os habitantes de Mauthausen habituaram-se a ver prisioneiros do campo arrastando-se pelas ruas da cidade, sofrendo a brutalidade da ss. Quando várias centenas de prisioneiros de guerra russos conseguiram escapar do campo, em 2 de fevereiro de 1945, apenas duas famílias ofereceram esconderijo e abrigo. A maioria dos fugitivos logo foi capturada ou fuzilada como “coelhos” por agricultores, adolescentes da Juventude Hitlerista e cidadãos ansiosos por participar de um terrível banho de sangue.⁶⁴

Os campos de extermínio faziam parte de um “universo de campos de concentração” em que a ss controlava centenas de milhares de prisioneiros, numa rede que se espalhava pela Europa. As fronteiras desse “universo” estendiam-se, ao norte, até a Noruega e, ao sul, até Creta. Cerca de 1,6 milhão de pessoas foram encarceradas e 1 milhão delas morreram (além daquelas deliberadamente eliminadas) até o final da guerra. Em toda a Europa havia mais de 10 mil campos, incluindo-se nesse número — além dos oito campos de extermínio e dos 22 campos de concentração principais, com suas 1200 ramificações — mais de quatrocentos gue-

tos, aproximadamente 29 asilos psiquiátricos e trinta orfanatos onde os internos eram assassinados, 26 campos nos territórios orientais ocupados, onde se institucionalizou a matança, e muitos outros depósitos de prisioneiros de guerra, trabalhadores civis, europeus orientais jovens ou “germanizáveis”.⁶⁵ Foram encontradas cerca de 33 nacionalidades em Dachau e mais de catorze em Ravensbruck. Os forçados eram submetidos a condições tão opressivas que muitos dos chamados campos de trabalho equivaliam, na verdade, a centros de extermínio. Descrevendo a pedreira de granito de Gross-Rosen, perto de Breslau, um médico francês procedente de Auschwitz anotou: “Em lugar nenhum vi assassinatos individuais cometidos com tanta destreza como em Gross-Rosen; os *kapos*, a polícia do campo, a ss com seus cães praticavam o homicídio sem dor na consciência. Extremamente hábeis, conseguiam matar um homem com dois ou três golpes”.⁶⁶

*a escola
muito 29
campo*

Os internos desses campos constituíam a base da principal atividade econômica da ss, que, em 1944, se estendeu da mineração à indústria pesada, da recuperação de terras à “pesquisa” científica. No final de 1944, 480 mil dos 600 mil prisioneiros foram declarados aptos para o trabalho. Além de organizar os pertences dos companheiros mortos para distribuição entre os membros da Waffen-ss ou de outros departamentos, trabalhavam em construção, pedreira e mineração, bem como na fabricação de borracha sintética e em outras operações industriais. Como a União Soviética na década de 1930, o Reich em guerra tornou-se uma economia baseada no trabalho escravo.⁶⁷

Em fevereiro de 1944, Speer, o czar dos armamentos, requereu a ajuda de Himmler para “colocar internos de campos de concentração em funções que considero particularmente urgentes”. A requisição inaugurou uma rápida expansão do trabalho escravo na fabricação de munições e de aviões e sobretudo na construção de fábricas subterrâneas de foguetes em “Dora” e Peenemünde. Aqui os índices de mortalidade são horrendos: em poucos meses 2882 dos 17 mil trabalhadores morreram no projeto “Dora”, que para Speer constituiu um “sensacional sucesso”. No total, cerca de 140 mil prisioneiros foram utilizados como escravos por Speer e 230 mil por indústrias do setor privado. Nessa época, a crise de armamentos chegara a tal ponto que pela primeira vez se deixou de lado a ideologia anti-semita e se recorreu ao trabalho de judeus húngaros confinados em Auschwitz.⁶⁷

A Operação Barbarossa também ampliou as responsabilidades da ss em outras direções. O terror substituiu a lei no Leste, e Himmler recebeu autorização para lidar com os civis diretamente, sem recorrer aos tribunais. A Waffen-ss passou

a ser seu exército; com aproximadamente 75 mil homens em 1939-40, chegou a ter cerca de 500 mil no final de 1944; em parte ameaçando, em parte ajudando a Wehrmacht, constituiu um instrumento fundamental para a gradativa nazificação do exército. Atribuiu-se à ss a responsabilidade pelo policiamento dos territórios ocupados no Leste, enquanto o ss-Gruppenführer Bach-Zelewski recebeu o encargo de coordenar as operações antiguerrilha.

//Não é preciso dizer que tais operações resultaram em muita destruição e morte. A estratégia básica consistia em “responder ao terror com terror”, em revistar todo ataque contra a vida ou a propriedade de alemães. Assim, incendiaram-se milhares de aldeias e mataram-se centenas de milhares de civis nas “operações-limpeza”, cujo impacto sobre as atividades da resistência foi contraproducente, levando muitos jovens para a clandestinidade. Uma estratégia contraguerrilha mais sofisticada teria de esperar várias décadas: depois de 1945, as potências coloniais européias e os americanos estudaram e aprenderam muito com as falhas da política nazista de retaliação.//

Embora não constituísse de fato uma ameaça militar para o poderio alemão, a resistência obstruiu o processo de germanização. Com relação a esse processo, o pensamento nazista tornou-se mais radical e ambicioso a partir da Operação Barbarossa. Logo após a conquista da Ucrânia e da Bielo-Rússia, os urbanistas da ss apresentaram propostas para a criação de pequenas cidades alemãs em território ucraniano. O “Plano Geral para o Leste” incluía um programa de colonização maciça, estendendo-se da Lituânia à Criméia no prazo de 25 anos. Em Auschwitz os prisioneiros construíram viveiros de peixes, estábulos e tulhas para fazendas-modelo onde colonos nazistas receberiam treinamento antes de seguir para o Leste.

//No mundo real, porém, a idéia da germanização esbarrava em algumas dificuldades. Uma delas era a corrupção, pois entre os alemães do Velho Reich havia muitos “cavadores de ouro” (ou “faisões dourados”, como os chamavam) e aventureiros atraídos pela possibilidade de enriquecimento rápido e pilhagem fácil. Em contrapartida, poucos agricultores queriam mudar-se. Os colonos sentiam-se desprotegidos em áreas rurais cuja população descontente lhes ameaçava a vida e a propriedade.//

Ironicamente — considerando-se a obsessão do regime pelo “espaço vital” — parece que não havia gente bastante para ocupar a vasta extensão territorial que Himmler sonhava colonizar. “Como está se saindo, *Kamerad*?”, perguntava o líder camponês local num jornal nazista da época. “É terra demais”, respondia o lavra-

dor desanimado, contemplando a imensidão. “As proporções entre espaço e população inverteram-se”, comentou outro crítico em 1942. “Já não se trata de encontrar uma forma de alimentar muita gente num espaço pequeno, mas de descobrir a melhor maneira de explorar os espaços conquistados com o número restrito de pessoas disponíveis.”⁶⁸

2) 05
3) 05
4) 05
5) 05
6) 05
7) 05
8) 05
9) 05
10) 05
11) 05
12) 05
13) 05
14) 05
15) 05
16) 05
17) 05
18) 05
19) 05
20) 05
21) 05
22) 05
23) 05
24) 05
25) 05
26) 05
27) 05
28) 05
29) 05
30) 05
31) 05
32) 05
33) 05
34) 05
35) 05
36) 05
37) 05
38) 05
39) 05
40) 05
41) 05
42) 05
43) 05
44) 05
45) 05
46) 05
47) 05
48) 05
49) 05
50) 05
51) 05
52) 05
53) 05
54) 05
55) 05
56) 05
57) 05
58) 05
59) 05
60) 05
61) 05
62) 05
63) 05
64) 05
65) 05
66) 05
67) 05
68) 05
69) 05
70) 05
71) 05
72) 05
73) 05
74) 05
75) 05
76) 05
77) 05
78) 05
79) 05
80) 05
81) 05
82) 05
83) 05
84) 05
85) 05
86) 05
87) 05
88) 05
89) 05
90) 05
91) 05
92) 05
93) 05
94) 05
95) 05
96) 05
97) 05
98) 05
99) 05
100) 05
101) 05
102) 05
103) 05
104) 05
105) 05
106) 05
107) 05
108) 05
109) 05
110) 05
111) 05
112) 05
113) 05
114) 05
115) 05
116) 05
117) 05
118) 05
119) 05
120) 05
121) 05
122) 05
123) 05
124) 05
125) 05
126) 05
127) 05
128) 05
129) 05
130) 05
131) 05
132) 05
133) 05
134) 05
135) 05
136) 05
137) 05
138) 05
139) 05
140) 05
141) 05
142) 05
143) 05
144) 05
145) 05
146) 05
147) 05
148) 05
149) 05
150) 05
151) 05
152) 05
153) 05
154) 05
155) 05
156) 05
157) 05
158) 05
159) 05
160) 05
161) 05
162) 05
163) 05
164) 05
165) 05
166) 05
167) 05
168) 05
169) 05
170) 05
171) 05
172) 05
173) 05
174) 05
175) 05
176) 05
177) 05
178) 05
179) 05
180) 05
181) 05
182) 05
183) 05
184) 05
185) 05
186) 05
187) 05
188) 05
189) 05
190) 05
191) 05
192) 05
193) 05
194) 05
195) 05
196) 05
197) 05
198) 05
199) 05
200) 05
201) 05
202) 05
203) 05
204) 05
205) 05
206) 05
207) 05
208) 05
209) 05
210) 05
211) 05
212) 05
213) 05
214) 05
215) 05
216) 05
217) 05
218) 05
219) 05
220) 05
221) 05
222) 05
223) 05
224) 05
225) 05
226) 05
227) 05
228) 05
229) 05
230) 05
231) 05
232) 05
233) 05
234) 05
235) 05
236) 05
237) 05
238) 05
239) 05
240) 05
241) 05
242) 05
243) 05
244) 05
245) 05
246) 05
247) 05
248) 05
249) 05
250) 05
251) 05
252) 05
253) 05
254) 05
255) 05
256) 05
257) 05
258) 05
259) 05
260) 05
261) 05
262) 05
263) 05
264) 05
265) 05
266) 05
267) 05
268) 05
269) 05
270) 05
271) 05
272) 05
273) 05
274) 05
275) 05
276) 05
277) 05
278) 05
279) 05
280) 05
281) 05
282) 05
283) 05
284) 05
285) 05
286) 05
287) 05
288) 05
289) 05
290) 05
291) 05
292) 05
293) 05
294) 05
295) 05
296) 05
297) 05
298) 05
299) 05
300) 05
301) 05
302) 05
303) 05
304) 05
305) 05
306) 05
307) 05
308) 05
309) 05
310) 05
311) 05
312) 05
313) 05
314) 05
315) 05
316) 05
317) 05
318) 05
319) 05
320) 05
321) 05
322) 05
323) 05
324) 05
325) 05
326) 05
327) 05
328) 05
329) 05
330) 05
331) 05
332) 05
333) 05
334) 05
335) 05
336) 05
337) 05
338) 05
339) 05
340) 05
341) 05
342) 05
343) 05
344) 05
345) 05
346) 05
347) 05
348) 05
349) 05
350) 05
351) 05
352) 05
353) 05
354) 05
355) 05
356) 05
357) 05
358) 05
359) 05
360) 05
361) 05
362) 05
363) 05
364) 05
365) 05
366) 05
367) 05
368) 05
369) 05
370) 05
371) 05
372) 05
373) 05
374) 05
375) 05
376) 05
377) 05
378) 05
379) 05
380) 05
381) 05
382) 05
383) 05
384) 05
385) 05
386) 05
387) 05
388) 05
389) 05
390) 05
391) 05
392) 05
393) 05
394) 05
395) 05
396) 05
397) 05
398) 05
399) 05
400) 05
401) 05
402) 05
403) 05
404) 05
405) 05
406) 05
407) 05
408) 05
409) 05
410) 05
411) 05
412) 05
413) 05
414) 05
415) 05
416) 05
417) 05
418) 05
419) 05
420) 05
421) 05
422) 05
423) 05
424) 05
425) 05
426) 05
427) 05
428) 05
429) 05
430) 05
431) 05
432) 05
433) 05
434) 05
435) 05
436) 05
437) 05
438) 05
439) 05
440) 05
441) 05
442) 05
443) 05
444) 05
445) 05
446) 05
447) 05
448) 05
449) 05
450) 05
451) 05
452) 05
453) 05
454) 05
455) 05
456) 05
457) 05
458) 05
459) 05
460) 05
461) 05
462) 05
463) 05
464) 05
465) 05
466) 05
467) 05
468) 05
469) 05
470) 05
471) 05
472) 05
473) 05
474) 05
475) 05
476) 05
477) 05
478) 05
479) 05
480) 05
481) 05
482) 05
483) 05
484) 05
485) 05
486) 05
487) 05
488) 05
489) 05
490) 05
491) 05
492) 05
493) 05
494) 05
495) 05
496) 05
497) 05
498) 05
499) 05
500) 05
501) 05
502) 05
503) 05
504) 05
505) 05
506) 05
507) 05
508) 05
509) 05
510) 05
511) 05
512) 05
513) 05
514) 05
515) 05
516) 05
517) 05
518) 05
519) 05
520) 05
521) 05
522) 05
523) 05
524) 05
525) 05
526) 05
527) 05
528) 05
529) 05
530) 05
531) 05
532) 05
533) 05
534) 05
535) 05
536) 05
537) 05
538) 05
539) 05
540) 05
541) 05
542) 05
543) 05
544) 05
545) 05
546) 05
547) 05
548) 05
549) 05
550) 05
551) 05
552) 05
553) 05
554) 05
555) 05
556) 05
557) 05
558) 05
559) 05
560) 05
561) 05
562) 05
563) 05
564) 05
565) 05
566) 05
567) 05
568) 05
569) 05
570) 05
571) 05
572) 05
573) 05
574) 05
575) 05
576) 05
577) 05
578) 05
579) 05
580) 05
581) 05
582) 05
583) 05
584) 05
585) 05
586) 05
587) 05
588) 05
589) 05
590) 05
591) 05
592) 05
593) 05
594) 05
595) 05
596) 05
597) 05
598) 05
599) 05
600) 05
601) 05
602) 05
603) 05
604) 05
605) 05
606) 05
607) 05
608) 05
609) 05
610) 05
611) 05
612) 05
613) 05
614) 05
615) 05
616) 05
617) 05
618) 05
619) 05
620) 05
621) 05
622) 05
623) 05
624) 05
625) 05
626) 05
627) 05
628) 05
629) 05
630) 05
631) 05
632) 05
633) 05
634) 05
635) 05
636) 05
637) 05
638) 05
639) 05
640) 05
641) 05
642) 05
643) 05
644) 05
645) 05
646) 05
647) 05
648) 05
649) 05
650) 05
651) 05
652) 05
653) 05
654) 05
655) 05
656) 05
657) 05
658) 05
659) 05
660) 05
661) 05
662) 05
663) 05
664) 05
665) 05
666) 05
667) 05
668) 05
669) 05
670) 05
671) 05
672) 05
673) 05
674) 05
675) 05
676) 05
677) 05
678) 05
679) 05
680) 05
681) 05
682) 05
683) 05
684) 05
685) 05
686) 05
687) 05
688) 05
689) 05
690) 05
691) 05
692) 05
693) 05
694) 05
695) 05
696) 05
697) 05
698) 05
699) 05
700) 05
701) 05
702) 05
703) 05
704) 05
705) 05
706) 05
707) 05
708) 05
709) 05
710) 05
711) 05
712) 05
713) 05
714) 05
715) 05
716) 05
717) 05
718) 05
719) 05
720) 05
721) 05
722) 05
723) 05
724) 05
725) 05
726) 05
727) 05
728) 05
729) 05
730) 05
731) 05
732) 05
733) 05
734) 05
735) 05
736) 05
737) 05
738) 05
739) 05
740) 05
741) 05
742) 05
743) 05
744) 05
745) 05
746) 05
747) 05
748) 05
749) 05
750) 05
751) 05
752) 05
753) 05
754) 05
755) 05
756) 05
757) 05
758) 05
759) 05
760) 05
761) 05
762) 05
763) 05
764) 05
765) 05
766) 05
767) 05
768) 05
769) 05
770) 05
771) 05
772) 05
773) 05
774) 05
775) 05
776) 05
777) 05
778) 05
779) 05
780) 05
781) 05
782) 05
783) 05
784) 05
785) 05
786) 05
787) 05
788) 05
789) 05
790) 05
791) 05
792) 05
793) 05
794) 05
795) 05
796) 05
797) 05
798) 05
799) 05
800) 05
801) 05
802) 05
803) 05
804) 05
805) 05
806) 05
807) 05
808) 05
809) 05
810) 05
811) 05
812) 05
813) 05
814) 05
815) 05
816) 05
817) 05
818) 05
819) 05
820) 05
821) 05
822) 05
823) 05
824) 05
825) 05
826) 05
827) 05
828) 05
829) 05
830) 05
831) 05
832) 05
833) 05
834) 05
835) 05
836) 05
837) 05
838) 05
839) 05
840) 05
841) 05
842) 05
843) 05
844) 05
845) 05
846) 05
847) 05
848) 05
849) 05
850) 05
851) 05
852) 05
853) 05
854) 05
855) 05
856) 05
857) 05
858) 05
859) 05
860) 05
861) 05
862) 05
863) 05
864) 05
865) 05
866) 05
867) 05
868) 05
869) 05
870) 05
871) 05
872) 05
873) 05
874) 05
875) 05
876) 05
877) 05
878) 05
879) 05
880) 05
881) 05
882) 05
883) 05
884) 05
885) 05
886) 05
887) 05
888) 05
889) 05
890) 05
891) 05
892) 05
893) 05
894) 05
895) 05
896) 05
897) 05
898) 05
899) 05
900) 05
901) 05
902) 05
903) 05
904) 05
905) 05
906) 05
907) 05
908) 05
909) 05
910) 05
911) 05
912) 05
913) 05
914) 05
915) 05
916) 05
917) 05
918) 05
919) 05
920) 05
921) 05
922) 05
923) 05
924) 05
925) 05
926) 05
927) 05
928) 05
929) 05
930) 05
931) 05
932) 05
933) 05
934) 05
935) 05
936) 05
937) 05
938) 05
939) 05
940) 05
941) 05
942) 05
943) 05
944) 05
945) 05
946) 05
947) 05
948) 05
949) 05
950) 05
951) 05
952) 05
953) 05
954) 05
955) 05
956) 05
957) 05
958) 05
959) 05
960) 05
961) 05
962) 05
963) 05
964) 05
965) 05
966) 05
967) 05
968) 05
969) 05
970) 05
971) 05
972) 05
973) 05
974) 05
975) 05
976) 05
977) 05
978) 05
979) 05
980) 05
981) 05
982) 05
983) 05
984) 05
985) 05
986) 05
987) 05
988) 05
989) 05
990) 05
991) 05
992) 05
993) 05
994) 05
995) 05
996) 05
997) 05
998) 05
999) 05
1000) 05

Os limites impostos pela realidade do conflito à engenharia demográfica de Himmler evidenciaram-se plenamente no caso de Zamosc, cidade ao sul de Lublin, onde se fez um esforço especial para criar uma comunidade planejada de *Volksdeutsche*. Trata-se do único caso em que a ss quase concluiu seu projeto de colonização. Mais de 10 mil poloneses tiveram de deixar suas casas para dar lugar aos colonos alemães; a metade desses poloneses fugiu para as florestas, juntou-se à resistência e passou a atacar fazendas e aldeias; o restante foi submetido a triagem e deportado, por falta de pureza racial. Numa área onde ainda viviam 26 mil ucranianos e 170 mil poloneses, instalaram-se 25 mil alemães — os quais, segundo um propagandista, formavam “a primeira célula alemã da moderna colonização do Leste, incentivados por essa busca de uma pulsátil vida colonial alemã”. No início de 1944, porém, as autoridades locais já estavam tentando convencer Himmler a abandonar o projeto e transportar os colonos para o Oeste: os ataques às fazendas eram frequentes e os homens dormiam no campo para que a resistência não os liquidasse.⁶⁹

Entretanto, Himmler e Hitler sonhavam obstinadamente com um império alemão no Leste e adiaram quanto puderam a evacuação de seus intrépidos colonos. A falta de um plano de emergência para a retirada era apenas um aspecto do

irrealismo básico de seus projetos. Mera imitação da tática de fronteiras dos Habsburgo sem a flexibilidade política dos Habsburgo, seu colonialismo racista estava fadado ao fracasso. Inspirou tamanho ódio entre a população local que, na ausência de “uma poderosa máquina policial”, não havia como Berlim reunir o número de colonos necessários para manter a posse de extensas áreas da antiga União Soviética. No longo prazo a estratégia de Hitler consistia em ver “100 milhões de alemães assentados nesses territórios”. Mas tal número era inexistente. Os nazistas queriam transformar os alemães em camponeses, porém muitos se recusaram. É duvidoso que, ao voltar do front, os heróis de guerra tenham exultado, como Himmler acreditava, por ganhar como recompensa um sítio na Polônia ou na Ucrânia.⁷⁰

À medida que o Exército Vermelho avançava, o projeto de colonização se desfazia. Entre agosto de 1943 e julho de 1944, foram deslocados para o oeste da Polônia cerca de 350 mil alemães da Criméia, aos quais se seguiram outros da Ucrânia e da Bielo-Rússia. A tática alemã da terra devastada impediu que muitos colonos permanecessem onde se encontravam, ainda que quisessem. No início de 1945, centenas de milhares de refugiados alemães dirigiram-se para o Oeste, para o Reich, num êxodo imenso e espontâneo.

Na mesma época, uma série ainda mais lúgubre de marchas forçadas revelou o lado negro do sonho racial. Na última fase da solução final, os campos de extermínio e os de concentração foram fechados e, em alguns casos, destruídos, e os prisioneiros sobreviventes tiveram de realizar longas marchas pela neve, rumo ao Reich. Dos 714 211 que ainda estavam nos campos em janeiro de 1945, cerca de 250 mil morreram nesse processo.

Por trás das marchas havia diversos motivos — como a relutância da ss em permitir que os prisioneiros caíssem nas mãos dos aliados e o desejo de explorá-los como escravos. Em alguns casos, entretanto, as viagens a pé ou de trem não tinham nenhum propósito; parece que a intenção se resumia a “continuar por outros meios a mortandade generalizada dos campos de concentração”. Os prisioneiros morriam de fome, e principalmente os que estavam tão exaustos que não conseguiam acompanhar os outros eram espancados e fuzilados. Além da truculência da ss, enfrentavam por toda parte a hostilidade ativa dos civis alemães. “Em Christianstadt algumas mulheres tentaram nos dar pão, mas as guardas não deixaram”, lembrou uma ex-prisioneira. “Uma alemã de coração humano exclamou: *Ihr Elende, Ihr Unglückliche*” [‘Coitados, infelizes’]. A guarda berrou: ‘Está com pena de

judeus?'.” Cabe notar que não há registro de alemães executados por expressar solidariedade diante da ss. Mesmo assim, a desaprovação e a indiferença superavam a piedade: no início de 1945, com o fim próximo, muitos civis alemães consideravam-se as principais vítimas da guerra e continuavam cegos para o infortúnio dos prisioneiros que passavam por eles.⁷¹

Nessa fase terminal do império de Hitler caíram as barreiras entre o mundo ordenado da *Volksgemeinschaft* e o submundo dos campos. Os prisioneiros emergiram dos campos “como marcianos”. Seus guardas já não eram apenas homens da ss, obrigados a manter segredo, mas também soldados em retirada, civis, funcionários do partido, membros da Juventude Hitlerista. Os massacres ocorriam não mais no perímetro dos campos, e sim nas estradas, nos bosques e nos arredores das cidades e aldeias alemãs e austríacas.⁷²

O grande problema criado por essa matança em larga escala consistia em livrar-se dos corpos, que nos campos de extermínio eram queimados em piras imensas ou em fornos. Agora já não havia tanta facilidade em limpar a sujeira da chacina aleatória e onipresente. Ao deixar a região de Lublin, os alemães tentaram apressadamente — e sem sucesso — esconder os vestígios do genocídio. Klukowski registrou, horrorizado, “o odor de cadáveres em decomposição no cemitério judaico”, onde se cavaram valas comuns. Em lugares como Nordhausen, Gusen e Wöbbelin as tropas aliadas que libertaram os prisioneiros dos campos obrigaram cidadãos locais não só a inspecionar os montes de cadáveres como a enterrá-los, às vezes na praça central e nos parques de suas elegantes cidades antigas.⁷³

Vencido pela náusea, um sacerdote austríaco que entrou em Mauthausen dias depois da libertação anotou: “Por duas ou três vezes estive a ponto de vomitar. Venho da civilização. E aqui dentro? [...] Que triste feito de nosso século arrogante, esse horror, esse mergulho numa falta de civilização sem precedentes, e ainda por cima no coração da Europa!”. Mas fora dos campos os mortos também jaziam. Nos anos seguintes à guerra, suas sepulturas pontilhavam as estradas da Europa central, até que comissões locais decidiram remover essas manchas da paisagem, construindo memoriais coletivos e desfazendo-se dos restos humanos. Surgiu assim uma paisagem rural recém-saneada, para o prazer de turistas e habitantes locais.⁷⁴

No Natal de 1942, resolvera-se distribuir as roupas e os pertences pessoais dos prisioneiros de Auschwitz entre os *Volksdeutsche* instalados na Ucrânia. Depois a

distribuição expandiu-se e trens carregados desses objetos partiam para entregá-los aos pioneiros alemães. Genocídio e colonização estavam inextricavelmente ligados, pois a guerra de Hitler visava à completa reconstituição racial da Europa.⁷⁵

Tal projeto não tinha paralelo histórico. Nem Napoleão nem os Habsburgo pretendiam uma dominação tão exclusiva na Europa, mas a formação de Hitler como crítico nacionalista alemão de Viena ajuda a explicar o contraste com os métodos de governo da monarquia dual. No tocante à violência e ao racismo, o imperialismo nazista assemelha-se mais à atuação européia na Ásia, na África e — sobretudo — nas Américas. “Quando comemos trigo do Canadá, não pensamos nos índios espoliados”, Hitler comentou certa vez, durante a guerra. Em outra ocasião descreveu a Ucrânia como “aquele novo império indiano”. Contudo, se não gostariam de ser governados como os ingleses governavam a Índia, os europeus ficaram chocados ao sofrer uma experiência mais semelhante à que as populações nativas das Américas sofreram.⁷⁶

O nacional-socialismo começou anunciando a criação de uma Nova Ordem na Europa, porém, à medida que a ideologia racial prevalecia sobre a racionalidade econômica, a extrema violência implícita nesse projeto tornava-se mais evidente. “Pão de mel e chicotadas”: assim Goebbels resumiu sua política, mas o pão de mel era insuficiente e as chicotadas eram demasiadas. O “Grande Espaço Vital [*Grosslebensraum*] da família européia de nações” prometia vida aos alemães, uma existência incerta e precária à maioria dos europeus e o extermínio aos judeus. “Se a Europa não pode existir sem nós, tampouco nós podemos sobreviver sem a Europa”, Goebbels escreveu em sua fase pró-européia. Os alemães perderam a oportunidade de dominar o continente depois de 1940, e a derrota deles acarretou a própria catástrofe. A visão original de Himmler concretizou-se — os alemães concentraram-se na Alemanha —, mas não sabemos se ele teria considerado um triunfo a maneira como isso ocorreu.⁷⁷